

# Breve gesto de leitura: os *jingles* da Campanha Rigotto sob o viés da Análise do Discurso Francesa

## A short reading gesture: Rigotto`s Campaign jingles under French Discourse Analysis bias

---

Leticia da Silva Santos Alvarenga\*

**RESUMO:** A partir dos estudos da Análise do Discurso Francesa, teoria iniciada por Michel Pêcheux, este artigo traz uma análise da campanha política ao governo do estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2002, mais especificamente dos *jingles* utilizados pelo candidato do PMDB, Germano Rigotto, vencedor dessas eleições. A partir dos conceitos de formação discursiva, heterogeneidade e posição-sujeito, temos, nesse trabalho, uma leitura cuidadosa onde explicitamos os movimentos discursivos existentes no material produzido pelo então candidato, materiais estes que o ajudaram a chegar ao cargo de governador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. Formação discursiva. Heterogeneidade. Campanha política.

**ABSTRACT:** From the studies of the French Discourse Analysis, theory initiated for Michel Pechêux, this article brings an analysis of the campaign politics to the government of the state of the Rio Grande Do Sul, in the year of 2002, more specifically of *jingles* used by the candidate of the PMDB, Germano Rigotto, winner of these elections. From the concepts of discursive formation, heterogeneity and subject-position, we have, in this work, a careful reading where we show the existing discursive movements in the material produced for then the candidate, had helped who it to arrive at the governing position.

**KEYWORDS:** Discourse analysis. Discursive formation. Heterogeneity. Campaign politics.

---

\* Graduada em Letras (2005) com ênfase em português e literaturas pela UFRGS, tendo monografia de conclusão de curso intitulada “Orçamento Participativo: instaurando um processo de cidadania”, sendo orientada pela Profa. Dra. Freda Indursky, na área de Análise do Discurso. Mestre em Letras (2010) pela UFRGS, na área de concentração de Estudos da Linguagem/Linguística Aplicada, tendo dissertação intitulada “Proficiência em língua materna: um novo olhar para a avaliação de produção textual”, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Coimbra Guedes. Atualmente participa de Curso de Aperfeiçoamento em Prática Docente, no Colégio de Aplicação da UFRGS, atuando como professora de português em turmas de EJA, além de integrar a Equipe de Avaliadores das redações de vestibular da UFRGS. E-mail: ticia\_santos@yahoo.com.br

## A Análise do Discurso francesa e sua teia de conceitos

Na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história (ORLANDI, 2003, p. 15)

Assim é a visão da Análise do Discurso francesa (doravante AD), iniciada por Michel Pêcheux: uma teoria constituída por inúmeros conceitos interligados, um conceito sempre relacionado ao outro, como uma imensa teia que, ao ser puxada por um lado, traz todo o resto junto. Não há como falar de um conceito, em AD, sem abordar outro que, por sua vez, pedirá ainda outro, até a rede estar cheia das mais diversas ramificações. Um ponto importante desta área de estudos é que também não há um caminho único para percorrer essa teia de conceitos; a escolha do caminho se dá de modo diferente a cada novo olhar, a cada novo gesto, a cada novo passo. Não há uma ordem pré-definida para iniciar essa caminhada.

Santos (2008) traz uma breve definição dessa teoria:

A AD é a teoria que concebe o discurso como objeto de estudo, e tal teoria se constrói a partir de uma teia de relações que tem como base a materialidade lingüística, o materialismo histórico, bem como a teoria das ideologias e a teoria dos discursos. Cabe salientar que todos os constituintes dessa base são perpassados por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, constituindo, assim, uma teoria materialista dos sentidos.

A AD se constitui como uma área de estudos própria e se estabelece no limite das áreas que a rodeiam, garantindo especificidade à medida que trabalha os conceitos utilizados pelas áreas ao seu redor, *(re)significando-os de acordo com suas próprias concepções*. Essa teoria procede a partir de um dispositivo de análise e institui gestos de leituras, através da polissemia de interpretações, tendo como pressuposto que os sujeitos e os sentidos são determinados historicamente (SANTOS, 2008, p.106).<sup>1</sup>

Cientes dessa definição, lançamos um breve olhar para os conceitos da AD, a fim de melhor compreender essa teia de conceitos que constituem a teoria. Começamos pelo próprio discurso, discurso esse entendido como dispersão, como um constructo teórico, onde não há um fechamento; ele está fragmentado através dos inúmeros textos produzidos pelos sujeitos. Sujeito.

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.

Outro conceito pertencente à nossa teia. O sujeito na AD é um ser-em-falta, um ser fragmentado; ele se constitui através da relação com o outro e é dotado de um inconsciente que vem à tona através da língua (através de erros, atos falhos, lapsos, etc). O sujeito, nessa teoria, não é um indivíduo, ao contrário, o indivíduo, aqui, é interpelado em sujeito pela ideologia. A ideologia, por sua vez, sempre presente no discurso, e mais do que isso, constitutiva dele, faz com que esse sujeito seja apenas uma posição-sujeito historicamente determinada.

Aqui vemos a presença da historicidade em nossa teia, e esta nos interessa à medida em que é vista como relação da história com a língua, o ponto de onde podemos buscar compreender o modo como os sentidos são produzidos. Sentido. Mais um ponto importante para a teia da AD. Os sentidos, sob essa perspectiva, não existem por si só: as palavras adquirem sentido de acordo com a formação discursiva (doravante FD) em que está inscrito o sujeito que as produz, bem como de acordo com a formação de quem as interpreta. Os sentidos não são algo dado, estável. Eles estão sempre se movendo, migrando, mudando.

Outro ponto de nossa teia é a formação discursiva. Ela é a matriz de sentidos que determina o que os sujeitos, inscritos nela, podem e devem dizer. A FD é a manifestação de uma formação ideológica num determinado momento de enunciação. As formações discursivas são recortes do interdiscurso, e o interdiscurso, por sua vez, se inscreve no nível da constituição do discurso e abrange o conjunto de todas as FD's. Ele trabalha com as re-significações do sujeito sobre o já dito e determina os deslocamentos dos sujeitos nas fronteiras de uma FD.

É impossível falar em já-dito, dentro da Análise do Discurso, sem falar em memória discursiva. E a memória discursiva nada mais é do que as possibilidades de dizeres atualizadas a cada nova enunciação. O sujeito, ao produzir um enunciado, se apropria das palavras existentes no interdiscurso e, através do esquecimento, outro dos conceitos da teia, se sente origem daquele discurso. Cabe dizer que, para a AD, existem dois tipos de esquecimento no

discurso: o esquecimento número um ou ideológico, que está no nível do inconsciente, ou seja, é resultante da maneira como somos afetados pela ideologia, e nos traz a ilusão de ser a origem do que dizemos; e o esquecimento número dois, que é do nível da enunciação, que está relacionado ao nosso dizer, que sempre poderia ser outro. Com isso, o sujeito produz enunciados e atribui uma interpretação para os acontecimentos que o cercam de acordo com a formação discursiva na qual ele se inscreve. Interpretação essa que é vista como um gesto de leitura de fatos presentes nas manifestações da linguagem, sendo ela múltipla e podendo ser sempre outra.

### **O dispositivo de análise**

Tendo toda essa teia que constitui os estudos da AD como ponto de partida, pretendemos lançar um olhar para os discursos produzidos pelo então candidato Germano Rigotto, durante sua campanha política, em 2002, na disputa pelo cargo de governador do estado do Rio Grande do Sul. Pela extensão do material produzido e utilizado na campanha em questão, resolvemos delimitar nosso objeto de análise e optamos por trabalhar praticamente só com os *jingles* do candidato, visto que, tais *jingles* fizeram muito sucesso entre seus seguidores, e até mesmo entre seus opositores.

Para que tal ato de leitura e análise se concretize sob o viés da AD, nosso olhar precisa se construir a partir de alguns dos conceitos teóricos, ou seja, precisamos construir nosso próprio dispositivo de análise, nosso próprio caminho para podermos nos debruçar sobre o recorte escolhido. Então, pensando nos *jingles* produzidos na campanha do candidato Germano Rigotto, nos deteremos um pouco mais nos conceitos de *formação discursiva*, *posição-sujeito* e *heterogeneidade*, conceitos esses que julgamos muito importantes para pensarmos a questão dos sentidos produzidos em tal material. Com isso visamos especificar um pouco mais tais conceitos, que sucintamente foram abordados acima, para melhor embasar nosso dispositivo de análise.

O primeiro destes itens é a *formação discursiva*. Foucault (1987), em seu livro *Arqueologia do saber*, diz que:

(...) no caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, pois, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 1987, p.43)<sup>2</sup>

Michel Pêcheux, fundador dos estudos da Análise do Discurso francesa, parte do conceito trazido por Foucault e o reformula, acrescentando à noção de tal autor a questão da ideologia, para ele um item fundamental nos estudos da AD. Maria Cristina Leandro Ferreira (2001), em seu *Glossário de termos do discurso*, traz a seguinte definição de *formação discursiva* para a AD francesa:

Manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica. A FD é a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito, funcionando sempre como lugar de articulação entre língua e discurso. Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso e, entre formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança. (LEANDRO FERREIRA, 2001, p. 15)

Na *formação discursiva* podemos verificar o aparecimento da noção do sujeito, sendo este sempre descentrado, sem qualquer subjetividade psicologista, além de determinado historicamente. A analista Eni Orlandi explicita que o sujeito da AD "é materialmente dividido desde a sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito a" (ORLANDI, 2003, p.49). Para produzir sentidos e se constituir, o sujeito tem de estar sujeito à língua e à história, estando sempre afetado por ambas. Leandro Ferreira (2001) esclarece melhor este conceito:

Resultado da relação com a linguagem e a história, o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso. (...) Ele estabelece uma relação ativa no interior de uma dada FD; assim como é determinado ele também

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

afeta e determina em sua prática discursiva. (LEANDRO FERREIRA, 2001, p.22-23).

A noção de sujeito na AD é abordada como uma *posição-sujeito* (segundo conceito de nosso dispositivo), já que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, podendo qualquer indivíduo ocupar tal posição quando se encontrar na emergência do discurso. Temos ainda a forma-sujeito que é também chamada de sujeito universal, aquela que é própria a uma formação discursiva. Ao identificar-se com o saber produzido pela forma-sujeito, o sujeito do discurso se apropria desse saber como objeto de seu discurso. Segundo Leandro Ferreira (2001):

Uma *posição-sujeito* não é uma realidade física, mas um objeto imaginário, representando no processo discursivo os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Deste modo, não há um sujeito único mas diversas posições-sujeito, as quais estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas. (LEANDRO FERREIRA, 2001, p. 21)<sup>3</sup>

Cabe aqui a noção de sentido. Para a AD, ele não existe em si mesmo; é constituído em referência às condições de produção e pode variar conforme a formação ideológica de quem o produz, bem como de quem o interpreta. Sendo assim, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Segundo Pêcheux, no livro *Por uma análise automática do discurso*, "o sentido de uma seqüência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta seqüência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva"(GADET & HAK,1993, p.169).

Maria Helena Nagamine Brandão (2004), em seu livro *Introdução à análise do discurso*, escreve, citando Bakhtin:

"Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinados, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência socioideológica em torno do objeto de tal enunciado e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado saiu: ele é como sua continuação, sua réplica..." (Bakhtin, 1978,p.100).  
Esses 'fios dialógicos vivos' são os outros discursos ou o discurso do outro que, intertextualmente, colocados como constitutivos do tecido de todo discurso têm lugar não ao lado mas no interior do discurso. O

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias. (BRANDÃO, 2004, p.64-65)

Esse dialogismo é utilizado pela AD associado à *heterogeneidade*, nosso terceiro conceito, sendo este um elemento constitutivo da linguagem, o que reafirma o princípio de que o sujeito é um ser cindido, constituído a partir da relação com o outro, nunca visto como fonte única do sentido, nem mesmo origem do discurso. Com base nisso, temos que o discurso é uma dispersão de textos, e os textos, por sua vez, são dispersão do sujeito. Eles são heterogêneos por serem atravessados por várias formações discursivas, e estas se constituem no interdiscurso. O interdiscurso é o lugar onde se constituem os objetos dos quais o sujeito enunciador se apropriará, usando-os como seu discurso. Aí está criada a ilusão discursiva do sujeito e o efeito de homogeneidade e unidade do texto produzido.

Cabe aqui melhor detalharmos o conceito de *heterogeneidade*. Trazemos, para tanto, a definição de Leandro Ferreira (2001):

Termo utilizado pela AD para destacar que todo discurso é atravessado pelo discurso do outro ou por outros discursos. Estes diferentes discursos mantêm entre si relações de contradição, de dominação, de confronto, de aliança e/ou de complementação. Authier (1990) distingue duas ordens de *heterogeneidade*: (1) a heterogeneidade constitutiva do discurso (que esgota a possibilidade de captar linguisticamente a presença do outro no um e (2) a heterogeneidade mostrada no discurso (que indica a presença do outro no discurso do locutor). (LEANDRO FERREIRA, 2001, p.17)<sup>4</sup>

## O gesto de leitura

Com nosso aparato teórico construído, voltamos o olhar para a campanha política do candidato ao governo do estado, Germano Rigotto, em 2002. Sabemos que, durante a campanha, foram criadas músicas (*jingles*) anunciando a candidatura de Rigotto, músicas estas que achamos por bem transcrever aqui, para um melhor acompanhamento de nossa análise.

---

<sup>4</sup> Grifo nosso.

1º - *Jingle* Oficial:

Vem, é pelo Rio Grande a gente quer sorrir  
Vem, vem me dá a mão e vamos construir  
Eu quero a liberdade pra escolher o melhor  
Só o Rio Grande unido é grande, é maior  
Se a gente se entende todo mundo vai vencer  
Vem com Rigotto pro Rio Grande crescer  
Vem pra fazer mais  
Vem traz a paixão  
Vem, vem com Rigotto  
Segue o teu coração

2º - *Jingle* gaudério:

O Rio Grande está unido no seu nome  
Esse homem é de luta, de trabalho e união  
O nosso estado que precisa de mudança  
Vê chegar a esperança em forma de coração  
Para quem sonha ver os gaúchos unidos  
O Rio Grande é meu partido, minha gente de valor  
Passe pra diante, tome um mate com esse moço  
Porque Germano Rigotto é o nosso governador.  
Rio Grande da união é do povo e não tem outro  
O Rio Grande é um coração, é Rigotto e é Rigotto.

3º - *Jingle* jovem:

Vem, vem com Rigotto, vem  
Pra fazer mais, mudar  
Rio Grande unido, vem, vem, vem  
Vem pra fazer mais  
Vem traz a paixão  
Vem, vem com Rigotto  
Segue teu coração  
Se a vitória tem um nome, esse nome é esperança  
Se a vitória tem um desejo, é desejo de mudança  
Vem, com Rigotto, vem!  
Pra fazer mais, mudar  
Rio Grande unido, vem, vem, vem  
Vem pra fazer mais  
Vem traz a paixão  
Vem, vem com Rigotto  
Segue teu coração

O primeiro olhar que lançamos para esse material é no sentido de explicitar a heterogeneidade presente no discurso proferido nessa situação. Identificamos aqui a existência de duas FDs diferentes num mesmo texto, interagindo em forma de complementaridade. Ao lermos cuidadosamente as músicas, percebemos que uma aliança é plenamente estabelecida entre uma FD, que chamaremos “política” e outra FD, que chamaremos de “emocional/sentimental” dentro desse discurso, sendo que a segunda FD,

apesar de dominada pela primeira, possui uma forte atuação e sustenta o dizer da outra.

No estribilho do *jingle* oficial (1º *jingle*), temos os seguintes enunciados: "Vem, pra fazer mais / Vem, traz a paixão / Vem, vem com Rigotto / Segue teu coração". Aqui, o sujeito enunciativo pede ao seu eleitor que vote no candidato movido pelo sentimento, pela paixão. A idéia é de que não é necessário racionalizar, pois não há nada para ser pensado, tudo deve ser decidido pelo 'coração'. Essa idéia é reafirmada no *jingle* gaudério<sup>5</sup> (2º *jingle*), que se refere ao candidato como 'esse homem é de luta, de trabalho e união', ou seja alguém plenamente confiável, digno de uma paixão forte, um homem de quem não precisamos ter medo, podemos nos entregar a ele sem reservas. O sujeito deste discurso mobiliza, apelando para a memória discursiva, o discurso que faz parte das relações de amor e paixão existentes na vida das pessoas, imbricando-o de tal forma ao discurso político, que mascara o caráter heterogêneo de todo esse discurso.

Outro ponto importante de ser observado é que o sujeito desse discurso também se coloca no lugar do eleitor. Ele diz "eu quero a liberdade pra escolher o melhor". Ou seja, 'eu também vou ter de escolher', 'eu também voto' e 'digo a você, amigo, que essa é a escolha certa', 'venha comigo, siga o seu coração!'

Ao mesmo tempo em que traz todos esses conceitos de ordem emocional para uma situação política, tal discurso também mobiliza a memória discursiva do eleitor, ao dizer "vem, é pelo Rio Grande a gente quer sorrir / vem, vem me dá a mão e vamos construir". Isso traz à memória do leitor o que ele sabe sobre a paixão. Quando estamos apaixonados, sorrimos, somos felizes, vemos o mundo de outro ângulo, estamos dispostos a mudar, a lutar pelo impossível; quando estamos apaixonados queremos construir, juntos, algo novo, algo melhor. Fazemos qualquer coisa pelos nossos sonhos, pelo objeto da nossa paixão.

---

<sup>5</sup> Gaudério aqui refere-se aos gaúchos tradicionalistas, que preservam os costumes do estado do Rio Grande do Sul.

E aqui não podemos deixar de citar os slogans usados pelo candidato, respectivamente, no primeiro e no segundo turno: 'paixão pelo Rio Grande' e 'segue teu coração'. Se Rigotto é apaixonado pelo Rio Grande então há de fazer o melhor pelo estado e os eleitores devem acreditar nisso, seguir o que manda o coração e dar a mão para ele, ajudando a construir um lugar melhor para se viver.

Outro fato importante de ser mencionado é que o *jingle* gaudério é cantado, durante toda a campanha, por Élton Saldanha, conhecido e respeitado tradicionalista do estado. Aqui vemos a mobilização de uma terceira FD, que chamaremos de FD tradicionalista, que também está em aliança com as outras duas<sup>6</sup>.

O sujeito do discurso lança mão do que poderíamos chamar 'nacionalismo gaúcho', mais popularmente conhecido como "bairrismo", usando novamente a memória discursiva, dessa vez para reconstituir o conceito do gaúcho forte, sincero, desbravador. Ele traz a memória o conceito de um povo que, antes de ser brasileiro é gaúcho. E, como gaúcho, tem de crescer, tem de ser sempre maior. Essa fala, a partir de tal lugar enunciativo, encontra eco nos eleitores. Essa FD tradicionalista, além de estar em aliança com as outras duas FD's, agrega muita força a elas, visto que o povo gaúcho tem uma identificação muito forte com essa questão do regionalismo.

Quando o sujeito do discurso fala do lugar de um tradicionalista e diz que "o Rio Grande é meu partido, minha gente de valor / passe pra diante, tome um mate com esse moço / porque Germano Rigotto é o nosso governador". Ele trabalha a questão da confiabilidade daquele homem. É alguém com quem o eleitor pode 'tomar chimarrão', bebida tomada no Rio Grande do Sul entre amigos, entre pessoas de confiança. E Rigotto é esse homem, o homem apaixonado e por quem o eleitor deve se deixar conduzir, não oferecendo resistência, seguindo apenas o sentimento, a paixão, não

---

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que os nomes atribuídos por nós às FD's identificadas nesse discurso não são os únicos possíveis. Escolhemos tal nomenclatura para simplesmente explicitar as matrizes de sentido dos discursos proferidos nesse material.

analisando planos, dados ou estatísticas, simplesmente seguindo o que o coração manda.

Todo esse texto é extremamente heterogêneo. Jeane Maria Hanauer (1999), em seu artigo *Sexo seguro/voto seguro: a questão do sentido*, também analisando um discurso político heterogêneo, escreve:

Sobre esta construção de um discurso a partir de outros, de forma a não haver um começo deste processo, queremos trazer uma reflexão de Pêcheux que, a nosso ver, é extremamente esclarecedora: 'O processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido' (Pêcheux, 1993, p.77) (HANAUER, 1999, p. 144-145)

Da mesma forma como essa citação de Pêcheux se encaixa perfeitamente na análise de Hanauer (1999), ela também vem ao encontro do nosso olhar para esse discurso. Nosso sujeito enunciador 'tira partido' de discursos outros presentes na memória dos seus eleitores, imbricando-os no seu discurso de modo a dar uma ilusão de homogeneidade e indissociabilidade a todos os elementos que compõem sua fala.

Outro aspecto a ser observado em nossa análise é a própria FD política em que se inscreve esse discurso. Para isso, temos de pensar o contexto sócio-histórico desses enunciados. Dizemos isso pensando que, na AD, o contexto sócio-histórico é muito importante, na medida em que remete às condições de produção do discurso.

O objeto teórico da AD, a saber, o discurso, considerado por Pêcheux (1969) como "efeito de sentido entre interlocutores", é o principal ponto de articulação dos fios constituidores desta teoria, e é através da sua materialidade que se ligam e se confrontam o lingüístico e o ideológico. Tendo em vista que a AD tem o discurso como um lugar de reflexão, e que, neste lugar, há um processo de significação em que constam história, língua e sujeito – este último sempre interpelado pela ideologia –, não podemos examinar o discurso sem considerar suas condições de produção, ligando assim exterioridade e interioridade, ou seja, contexto sóciohistórico e funcionamento lingüístico. (SANTOS, 2008, p.133)

Ora, sabemos que a eleição para governador do estado do Rio Grande do Sul em 2002 iniciou com uma disputa forte entre dois candidatos, a saber: Antônio Britto, ex-governador, pelo PMDB, de 1995 a 1998, que, após rompimento com seu partido, estava concorrendo novamente ao cargo pelo PPS, e Tarso Genro, do PT, candidato a substituir Olívio Dutra, governador do estado, pelo PT, de 1999 a 2002. Vale lembrar que o segundo candidato (Tarso Genro) havia ganhado a eleição em 2000 para a Prefeitura Municipal de Porto Alegre com a promessa de ficar os quatro anos no cargo, e que isso não estava sendo mantido, afinal, saíra da Prefeitura para concorrer ao governo do estado.

Outro fato importante a ser lembrado é o caso das inúmeras privatizações feitas por Antônio Britto durante seu governo e todas as facilidades concedidas por ele às empresas multinacionais, a saber: GM e Ford. Por outro lado, temos também, após a posse de Olívio Dutra, em 1999, a decisão da Ford de não se instalar no Rio Grande do Sul devido à impossibilidade de diálogo com o governo, que não cedeu às solicitações da empresa.

Esse panorama rápido nos mostra duas FD políticas antagônicas: a FD de direita, com uma política neoliberal, representada por Antônio Britto, pois, apesar da mudança de partido, trazia consigo um passado, reavivado pelo seu oponente na memória dos eleitores a todo instante, e a FD de esquerda, representada por Tarso, com uma política socialista, mas também possuidora de um passado de 'quebra de palavra' em relação às promessas feitas na eleição da Prefeitura, além de estar marcado pelo radicalismo de seu companheiro de partido e então governador, Olívio Dutra.

Diante dessa situação, tínhamos os eleitores divididos, sem saber que decisão tomar. De um lado, um candidato que já havia governado o estado anteriormente, deixando marcas não muito positivas e, de outro, um candidato cuja palavra não parecia ser confiável, visto que quebrara uma promessa feita a menos de dois anos, além de ser representante do atual governo, sinônimo de continuidade de projeto, projeto este também visto com maus olhos dadas as posições extremistas do governo atual.

É nesse momento que surge Germano Rigotto, como uma terceira proposta para essa situação, uma alternativa para os insatisfeitos de ambos os lados. Ele se apresenta como uma terceira formação discursiva, a FD da mudança.

Isso fica claro nos enunciados propostos nos seus *jingles*. Ele usa todos os discursos já abordados anteriormente e se coloca como sujeito enunciator de um lugar diferente do lugar em que estão os outros dois candidatos. O *jingle* jovem (3º *jingle*), diz: "Se a vitória tem um nome / esse nome é esperança / se a vitória tem um desejo / é desejo de mudança / vem, vem com Rigotto, vem / pra fazer mais, mudar / Rio Grande Unido, vem, vem, vem". O sujeito desses enunciados se coloca como agente de mudança, alguém novo, sem passado negativo, um gaúcho confiável, a única esperança de salvar o Rio Grande. No *jingle* gaudério, isso é reafirmado ao dizer: "o nosso estado que precisa de mudança vê chegar a esperança em forma de coração".

Vale citar aqui um enunciado proferido por cada candidato, publicado no Jornal *Zero Hora* do dia cinco de outubro de 2002 (jornal de maior circulação no estado):

As máximas da campanha: candidatos conclamam militantes.  
Tarso: 'Queremos Britto no segundo turno para depená-lo, tirar pena por pena da sua arrogância.'  
Britto: 'Vou passar o resto da minha vida tendo que explicar porque a gente trouxe a GM, enquanto o PT terá que passar o resto da vida explicando porque mandou a Ford embora.'  
Rigotto: 'Apresento um projeto novo, que se constrói acima das divisões. Acima do britismo e do petismo'.  
(Jornal ZERO-HORA, 05/10/2002)

Esses enunciados são um bom recorte da situação. Enquanto os dois candidatos se acusam mutuamente, Rigotto apresenta um projeto de paz e união. O *jingle* oficial (1º *jingle*) diz: "Só o Rio Grande unido é grande, é maior / Se a gente se entende todo mundo vai vencer / Vem com Rigotto pro Rio Grande crescer".

Tudo isso leva os eleitores a direcionar o olhar para o novo caminho proposto. Alguém que não seja nem da FD de direita, nem da FD esquerda,

caminhos esses já experimentados. Mas a questão que colocamos é: Será que Germano Rigotto representa realmente uma terceira FD?

Acreditamos que não. Nossa posição é de que ele ocupa apenas uma outra posição-sujeito dentro da mesma FD de Antônio Britto. E isso é muito claro se olharmos novamente para o contexto sócio-histórico e lembrarmos que tal candidato representa o PMDB, partido ao qual Antônio Britto pertencia quando governou o estado. E mais: considerando que Antônio Britto se desvinculara do partido, podemos dizer que é Germano Rigotto o enunciador principal dessa FD de direita, ele é a forma sujeito, o sujeito universal desse lugar. Seus saberes é que coincidem com os estabelecidos com a FD, porém isso é apagado com o discurso de mudança proposto. Podemos dizer que tanto Germano Rigotto como Antônio Britto fazem parte da mesma formação. Apenas ocupam posições-sujeito diferentes. Não há rompimentos. As propostas do PMDB rejeitadas pela população durante o mandato de Antônio Britto vêm do mesmo local em que as propostas de Germano Rigotto são feitas na eleição em questão.

Concluimos nossa análise com as palavras de Eni Orlandi (2003), em seu livro *Análise do discurso: princípios e procedimentos*:

É melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de 'jogadas', ou seja aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos (no caso, eleitores), esperando-os onde eles estão, com as palavras que eles 'querem' (gostariam de, deveriam, etc) ouvir.

Tudo isso vai contribuir para a constituição das condições em que o discurso se produz e portanto para seu processo de significação. É bom lembrar: na análise do discurso não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não brota do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. Desse modo é que acreditamos que um sujeito na posição de esquerda fale 'x' enquanto que um de direita fale 'y'. O que nem sempre é verdade. Por isso a análise é importante. Com ela podemos atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades e, explicitando o modo como os sentidos estão sendo produzidos, compreender melhor o que está sendo dito. Não é no dizer em si mesmo que o sentido é de esquerda ou de direita, nem

tampouco pelas intenções de quem diz. É preciso referi-lo às suas condições de produção, estabelecer relações que lê mantém com sua memória e também remetê-lo a uma formação discursiva – e não outra – para compreendermos o processo discursivo que indica se ele é de esquerda ou de direita. Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas. (ORLANDI, 2003, p.41-42)

Ao concluir essa breve análise, sabemos que muitas outras coisas ainda podem ser ditas e que isso foi apenas um leve gesto de leitura e interpretação, “expondo o olhar do leitor à opacidade do texto” (ORLANDI, 2001, p. 86). Sabemos que não terminam aqui as leituras possíveis, bem como temos certeza que não fomos o princípio desse texto, mas mesmo assim concluímos essa análise, tentando criar, não os mesmos efeitos, mas a mesma ilusão de unidade e homogeneidade existente no discurso que acabamos de analisar.

## Referências

BRANDÃO, Helena Nagamini. *Introdução à análise do discurso*. 2.ed.rev. Campinas: Unicamp, 2004. 122p.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. 239p.

GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 1.ed. Campinas: Unicamp, 1993. 319p.

HANAUER, Jeane Maria. Sexo seguro/voto seguro: a questão do sentido. In: INDURSKY, Freda & LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 138-147.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Glossário de termos do discurso*. 1.ed.Porto Alegre: UFRGS, 2001. 28p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 5.ed. Campinas: Pontes, 2003. 100p.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 1.ed. Campinas: Pontes, 2001. 222p.

SANTOS, Leticia da Silva. Sujeito e sentidos em movimento na constituição do Orçamento Participativo de Porto Alegre. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 37, 2008. p. 103-120.

\_\_\_\_\_. Orçamento Participativo de Porto Alegre: instaurando um processo de democracia. *Revista do GEL*, v. 5, n.1, 2008. p.129-146.

Recebido em agosto de 2010.  
Aprovado em dezembro de 2010.